

# ADEILZA E VALDIR: QUANDO GERMINAM AS SEMENTES DO ENGAJAMENTO SOCIAL

Alagoa Nova, Paraíba

Outubro de 2021

Foto: Flávio Costa @flavio costa

**A HISTÓRIA DE ADEILZA E VALDIR** é permeada de luta, resistência e superação. Em 1996, quando se uniram, Valdir residia em outra comunidade (Queira Deus) no mesmo município e se mudou para o agroecossistema. Adeilza já morava lá, na casa da avó, com seus filhos Dimas e Denise. À época, Adeilza criava galinhas na propriedade para a produção de ovos e Valdir criava gado de meia com o pai, além de cuidar do plantio de laranjeiras. Valdir levou o gado para a nova morada, que oferecia um conjunto de infraestruturas como a casa para residência, o curral, três açudes, um poço, casa de farinha, tanque de pedra e capineira para os animais.

No mesmo ano em que passaram a morar juntos, foram organizados mutirões para a limpeza dos açudes e barragens na comunidade. O casal implementou um roçado também a partir dos mutirões, que é uma prática comum na região. Além disso, Adeilza começou a plantar ervas medicinais em recipientes e pequenos canteiros no arredor de casa, e hortaliças para o autoconsumo.

Ainda em 1996, o casal passou a compor a Associação Comunitária e se associou ao Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Alagoa Nova. O irmão de Adeilza se responsabilizava pela comercialização das frutas produzidas na propriedade familiar no CEASA em Campina Grande.

Realização



Financiadores





A partir de 1998, o casal deu início à produção própria de mudas de laranja para replantio do pomar e para a venda na comunidade, o que constituiu um novo subsistema.

Nesse mesmo ano, Adeilza e Valdir constituíram um pequeno banco de sementes familiar que até hoje representa uma importante infraestrutura, além de ser uma estratégia de manutenção da autonomia da família para o plantio anual e de proteção das espécies locais.

Em 2011, um conjunto de inovações e mudanças começou a transformar a realidade de maneira mais intensa para a família e seu agroecossistema. Isso foi possível a partir de uma maior aproximação do casal ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Alagoa Nova e ao Polo da Borborema, constituindo, assim, a oportunidade de receberem assessoria técnica da AS-PTA.

O casal passou a participar de vários espaços de formação e organização a exemplo das oficinas para a produção de biofertilizantes e plantas medicinais, acesso ao Fundo Rotativo Solidário (FRS), participação em feiras agroecológicas, dentre outros.



Em 2012, Adeilza participou pela primeira vez da Marcha Pela Vida das Mulheres e Pela Agroecologia. Desde então, tem participado todos os anos. Durante o evento acontece também uma feira em que ela comercializa seus produtos.

Nesse mesmo ano, Adeilza acessou pela primeira vez o FRS de telas e ampliou sua criação de galinhas. Após participar de uma oficina de arborização, recebeu mudas de frutíferas da rede de viveiros do Polo da Borborema. Em 2015, novamente por intermédio dos FRSs, recebeu uma ovelha.

A feira agroecológica de Alagoa Nova foi inaugurada em 2016 e Adeilza se sentiu estimulada à participar. Para agregar maior valor aos seus produtos, Adeilza iniciou o beneficiamento de beiju, tapioca, pé de moleque e bolo. O tempo dedicado antes ao artesanato passou a ser dedicado à venda de seus produtos na feira.

Nesse mesmo ano, tornou-se sócia da rede de feiras agroecológicas EcoBorborema e passou a compor a diretoria da associação e do STTR.

Em 2010, Valdir e Adeilza haviam construído um tanque de pedra, com o objetivo de melhorarem a disponibilidade de água consumida pela família. Os recursos foram doados pela família de Adeilza.

Em 2018, a partir do acesso ao FRS de cisternas, conquistaram a cisterna de consumo (16 m<sup>3</sup>) e melhoraram a infraestrutura de captação e armazenamento de água.

Com o passar dos anos, as pessoas da família foram se mudando de lugar e Valdir e Adeilza precisaram adaptar a sua propriedade à mão de obra que tinham. Em 2012 faleceu o irmão de Adeilza, que era responsável pela venda das frutas no CEASA de Campina Grande. Isso os levou a venderem as frutas para atravessadores, prática que persiste até os dias atuais.

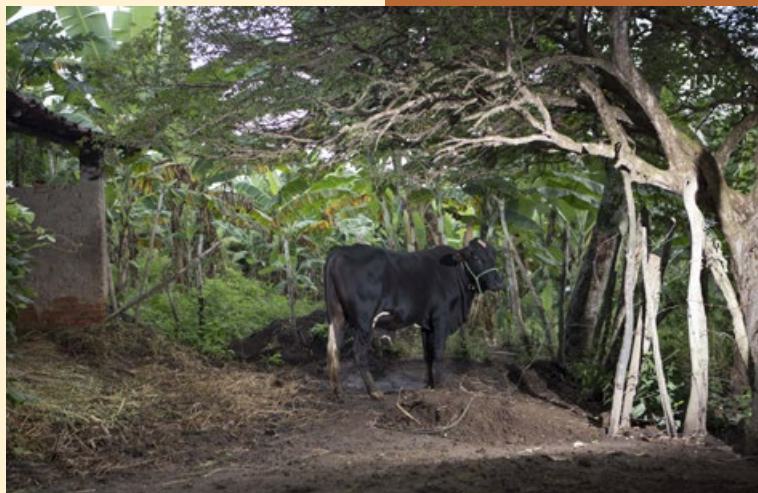
Em 2013, Dimas, o filho de Adeilza, por ocasião de seu casamento, saiu da casa da família para residir em outra. Embora more na mesma propriedade, ele deixou de dedicar seu tempo para o agroecossistema.

Em 2018, devido às mudanças na configuração do núcleo, eles optaram por trocar as cinco ovelhas por um garrote, minimizando a demanda de trabalho para gestão do rebanho. Por fim, em 2019, Denise, filha de Adeilza, migrou para São Paulo, restando apenas o casal para assumir os trabalhos no agroecossistema.

No mesmo ano da ida de Denise para o sudeste, Valdir e Adeilza passaram a comercializar seus produtos beneficiados em vários outros espaços regionais, impulsionados pela participação na Feira Agroecológica Regional de Campina Grande.

Como estratégia de fortalecimento do beneficiamento, foi nesse mesmo ano que Adeilza, com outras mulheres da comunidade, formou o FRS de fogões ecológicos. Em 2020, a comunidade, que havia parado o beneficiamento da mandioca desde 2015, por falta de insumo devido à baixa na produção, voltou a beneficiar na casa de farinha da família. Para usar a casa de farinha, eles deixavam 20% da produção para os donos da estrutura.

Em 2020, com a chegada inesperada da pandemia, as feiras agroecológicas da região ficaram suspensas por um período considerável. Contudo, a família passou a fornecer seus produtos para a composição de cestas de produtos agroecológicos distribuídas pelo Polo da Borborema e AS-PTA na região. Adeilza e Valdir acessaram o auxílio emergencial distribuído pelo governo federal. Também forneceram cafés da manhã para as reuniões do projeto INNOVA que aconteceram na comunidade.



Fotos: Flávio Costa @flavio costa



Em 2021, a família se integrou às dinâmicas comunitárias orientadas para o fortalecimento das estratégias de gestão coletiva de bens comuns, promovidas com o apoio do projeto INNOVA-AF.

As ações do projeto fortaleceram as práticas de gestão dos FRS. Adeilza acessou o FRS de tela para incrementar a criação de galinhas. Acessou também um sistema de reúso de água cinza e recebeu mudas frutíferas para diversificar o arredor de casa, além de algumas espécies forrageiras. A comunidade de Cutias também foi beneficiária de uma bomba de recarga de água ■



Foto: Flávio Costa @flaviofcosta

Este Boletim foi elaborado no âmbito do Projeto Borborema Agroecológica, uma iniciativa do projeto INNOVA-AF, que busca fortalecer as capacidades das famílias por meio da gestão participativa do conhecimento e da disseminação de boas práticas para a adaptação às mudanças climáticas. Implementado durante os anos de 2018-2021 em oito países da América Latina e do Caribe, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e inclusivo do meio rural.